

Colunismo Social e Jornalismo Opinitivo: Um Debate Epistemológico¹

Vinícius Barros LEMOS²

Thiago Cury LUIZ³

Universidade Federal de Mato Grosso, MT

Resumo

O objetivo deste artigo é propor uma discussão teórica, por meio de revisão da literatura, sobre gêneros e seus formatos, pontuando o jornalismo opinativo e a coluna. O colunismo social é um formato que costuma despertar interesse em leitores de notícias. Os textos, mais livres e concisos, são de rápida leitura e possuem linguagem mais informal. Tais características colaboram para a fidelização do público. O culto à celebridade e às pessoas aparentemente bem-sucedidas é um dos principais motivos para o sucesso deste segmento do jornalismo. Atualmente, ele também funciona como fonte para a realização de reportagens mais aprofundadas sobre determinados assuntos.

Palavras-chave: Gêneros; Colunas Sociais; Jornalismo opinativo; Linguagem jornalística.

Introdução

O colunismo é considerado um dos formatos pertencentes ao jornalismo opinativo. Ele teve contribuição fundamental para a evolução dos critérios de noticiabilidade dentro das redações, pois muitos dos assuntos que aborda também passaram a ser tema de publicações que antes não noticiavam tais acontecimentos. Ao analisarmos como a sociedade, a política e o jornalismo podem ser influenciados pela coluna social, temos uma ideia da importância que este formato possui.

A coluna social tornou-se popular no país e passou a ser fonte de informação para outros setores da produção de notícia. Apesar de, muitas vezes, ser relegada a uma área sem importância, é a partir de muitas notas em colunas que surgem reportagens mais aprofundadas. Os estudos sobre o colunismo social são escassos, por isso, durante a produção deste artigo, foram encontradas dificuldades para achar fontes que acrescentassem novas informações sobre o tema.

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 12 a 14 de junho de 2017.

² Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso, email: vinibarros_lemos@hotmail.com

³ Orientador. Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso, email: thcluiz@gmail.com

Neste trabalho⁴, iremos apresentar uma reflexão teórica sobre o colonismo social e esperamos contribuir para a evolução dos estudos sobre o tema, que ainda tem referencial bibliográfico limitado e sem muito aprofundamento na literatura nacional.

O colonismo como um gênero

A divisão da produção literária em gêneros se iniciou durante o período de Aristóteles e Platão. Conforme Lima (apud CHAPARRO, 2008), é atribuída a Platão a primeira referência sobre gêneros e a Aristóteles a divisão da poética em Tragédia e Comédia. Lima também cita Goethe, que, após analisar diversas variedades poéticas, apresentou as “formas naturais” do poético, classificadas como formas claramente narrativas. Deste modo, ao longo dos séculos, diversos estudiosos foram readequando a literatura e trazendo novas classificações de gêneros.

No jornalismo, também há distinções feitas por meio de classificações em gêneros, que possuem características particulares. Um dos pioneiros brasileiros no estudo do tema foi o pesquisador Luiz Beltrão, que chegou a sistematizar e classificar o texto jornalístico. Apesar de Beltrão ter sido precursor, uma das obras mais conceituadas é “A opinião no jornalismo brasileiro”, de José Marques de Melo, publicada em 1985 e reeditada em 1994. Em sua obra, Melo divide o jornalismo em 12 categorias. O autor classifica a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista como itens do jornalismo informativo. Já o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e as cartas são inseridas na categoria de jornalismo opinativo.

“A opinião no jornalismo brasileiro” reafirma a divisão do texto jornalístico em Informação e Opinião. Marques de Melo (apud CHAPARRO, 2008) justifica as classificações pela evolução do jornalismo, da qual resultou a “necessidade sociopolítica de distinguir os fatos (*news/stories*) das versões (*comments*), ou seja, delimitar os textos que continham opiniões explícitas”. A natureza estrutural dos relatos nos processos jornalísticos são fundamentais para a definição do gênero ao qual o texto pertence. Segundo Marques de Melo (apud CHAPARRO, 2008):

Os gêneros que correspondem ao universo da informação estruturam-se a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: sua

⁴ Este texto é parte integrante da monografia de conclusão do curso de Comunicação Social/Jornalismo, "O Colonismo Social em Mato Grosso: Um estudo sobre Jeje de Oyá", defendida em outubro de 2016, na Universidade Federal de Mato Grosso.

expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos protagonistas (personalidades e organizações). Já no caso dos gêneros que se agrupam na área da opinião, a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: a autoria (quem emite a opinião) e a angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião).

Nos estudos linguísticos, Bazerman (2005) revela que gêneros estão ligados a fatos sociais e atividades humanas. Para o autor, um gênero sempre está relacionado a outro e são responsáveis pelos fatos sociais, os quais "consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou atos de fala" (BAZERMAN, 2005, p.22). O fato pode ser algo relacionado ao social ou que afeta o que as pessoas falam ou escrevem.

Diferente de Marques de Melo, Medina (2001) afirma que o jornalismo se divide em quatro grupos. Para ele, as classificações dos textos variam entre: informativo, quando há relato da maneira mais objetiva possível; interpretativo, quando há interpretação e informação; opinativo, quando há a expressão de um ponto de vista; ou entretenimento, quando há informação para distrair o leitor. As ramificações têm como função inicial atrair o leitor.

A classificação dos gêneros decorre das necessidades e das exigências dos leitores e, ao mesmo tempo, da organização e do desenvolvimento das empresas jornalísticas (não esqueçamos que, até bem pouco tempo, o jornalismo era considerado um gênero literário) (MEDINA, 2001, p.51).

O jornalismo noticioso, definido por Medina, é a parte onde está inserida a coluna. O autor classifica o jornalismo social entre as "notícias sociais". O linguista Bonini (2003) afirma que as teorias da comunicação são vagas em relação ao conceito dos gêneros presentes no jornal, à definição deles e à conceituação da notícia, bem como sua diferenciação da reportagem. Ele acredita que os gêneros citados nos manuais resumem-se à notícia, reportagem, entrevista e editorial, sem haver descrição mais precisa da composição textual destes.

Os manuais de ensino de jornalismo, portanto, pouco podem nos informar sobre os vários gêneros que compõem o jornal, pois esta discussão não é feita, o conceito de gênero é empregado de modo intuitivo e a variedade abordada é pequena e sempre restrita aos textos mais típicos do meio (BONINI, 2003, p.7).

O princípio pertinente para que um gênero pertença ao jornalismo é o fato de estar na comunidade discursiva jornalística e ser produzido por um jornalista, que tenha o conhecimento específico da atividade social e humana, conforme Honorata (2007). Para o autor, toda proposta de definição e classificação de gêneros não deve ser entendida como um "encapsulamento", pois isso desconsideraria seu caráter dinâmico. Honorata (2007, p. 138) constata que a notícia é um gênero que possui várias espécies vinculadas a si. Os gêneros jornalísticos possuem organização textual própria e diversos modos de classificação. Eles são dinâmicos e variam com o tempo, pois as atividades sociais e suas funções não são rígidas e estão em constante mudança.

Silva (2010, p.16) explica que, com a industrialização e alfabetização no século XIX, os jornais foram se transformando para acompanhar as mudanças sociais. O jornal deixa de ser um instrumento de debate político, religioso e filosófico, passando a privilegiar a objetividade e a ter os fatos como objeto principal, com notícias impessoais. Para Chaparro (2008), o dinamismo é um dos responsáveis pelo advento de novas características do jornalismo, criadas para atender aos requisitos da sociedade ávida por informações e cada vez mais dinâmica.

A complexidade da sociedade moderna, assentada em redes crescentemente interativas de trocas de interesses e internacionalidades, projeta-se inevitavelmente na dinâmica dos processos de criação e produção jornalística. Na atualidade estampada nas páginas dos jornais, e por eles avaliada, têm predominância o Relato e o Comentário de acontecimentos programados, previsíveis, controlados e/ou influenciados por sujeitos competentes e interessados (CHAPARRO, 2008, p.170-171).

Os gêneros relacionados ao jornalismo também estão presentes no audiovisual. Em “Gêneros e formatos na televisão brasileira”, de Aronchi (2015), o autor analisa e classifica os estilos de produção televisiva. Para a realização da pesquisa, ele estudou a programação de sete emissoras abertas do Brasil. A separação dos programas de televisão em categorias atende a necessidade de classificar os gêneros e, por isso, há várias ramificações, para elencar diversos elementos. Em sua obra, ele cita os estudos sobre as classificações da televisão elaborados por Kaminski (2005, p.17), que inicialmente abordam a origem da palavra gênero:

A própria palavra gênero significa simplesmente ordem. [...] No entanto, as questões básicas são: Que categorias existem para se ordenar? Como chegaram aí? Quais são as relações entre as várias categorias? O que essas categorias significam? No livro *A ordem das coisas*, o filósofo Michel Foucault afirma que há diversas maneiras básicas de encarar a ordem e que precisamos estar conscientes dos métodos que escolhemos.

Na classificação de Aronchi (2015), os gêneros de televisão se dividem em quatro grupos: entretenimento, informação, educação e publicidade. Apesar da classificação, o autor destaca que os gêneros podem sofrer alterações.

Os gêneros no cinema, na televisão e na literatura não se expressam de forma pura, sem alterações⁵. Pelo contrário, alguns autores, entre os quais Jane Feuder, afirmam que os gêneros se encontram em constante mudança e redefinição⁶. [...] Os gêneros têm história. Essa história está ligada ao desenvolvimento de determinada região ou país. Por isso um programa ou *show* de televisão devem ser identificados de acordo com o período histórico da sua produção, para reconhecer os gêneros da sua época⁷ (ARONCHI, 2015, p.51).

As classificações de gêneros jornalísticos também ocorrem no webjornalismo. Kurtz e Klein (2009) apontam, em levantamento sobre as classificações na internet, que a propagação da produção online aumenta a aproximação de receptor e emissor: "dois pólos antes opostos no processo comunicativo" (2009, p. 6). Os autores utilizam o blog como uma das plataformas online que podem ser semelhantes ao tradicional jornalismo. Porém, ressaltam que nem todos os blogs são considerados jornalísticos.

Não se pode negar a capacidade dos blogs como ferramenta de comunicação. Ao mesmo ponto, convém evitar a armadilha de fornecer a eles o rótulo de jornalismo. Da mesma forma que um jornal, um programa de rádio ou televisão podem não ser necessariamente jornalísticos, o blog também não o é. O que de forma alguma impede que uma parcela deles adquira esse status (KURTZ; KLEIN. 2009, p.6).

Para classificar a produção do webjornalismo, os autores desconsideram as classificações propostas por Beltrão, Melo e Chaparro, por considerá-las inadequadas ao online. Eles acreditam que tais classificações ocultam diferenças entre os gêneros, ao delimitarem apenas a variável entre informação e opinião e a estrutura do texto

⁵Silvia Helena Simões Borelli (org.), *Gêneros ficcionais – Produção e cotidiano, na cultura popular de massa*, p.131.

⁶ Jane Feuer, "Genre study and television", p.113-33 e p.116.

⁷ Stuart M. Kamisky, *American television genres*, p.21.

como fator fundamental para a separação dos gêneros. Para elaborar a divisão da produção jornalística no ciberespaço, os autores usam uma nova grade classificatória. A análise dos gêneros no online é feita com base em cinco blogs. Entre as diferenças nesta classificação, está o leitor como fonte primária da opinião durante a produção do texto. Nos gêneros referentes à leitura, as novidades no universo digital são o clipping comentado, o e-mail e o comentário publicado, que podem representar interações entre o leitor e o jornalista. No gênero reprodução, as novidades são o clipping e o link.

Para Kurtz e Klein, a classificação dos gêneros jornalísticos ainda possui embasamento em categorias do impresso. Por isso, acreditam que seja fundamental trazer novidades aos estudos. “Não podemos limitar o pensamento jornalístico a um conjunto de formas pré-definidas: é preciso ousar, transgredir e incomodar” (2009, p.12).

O gênero opinativo

Um dos grandes impasses que existem para a classificação dos gêneros jornalísticos está na relação entre a opinião e a informação. Para alguns estudiosos, elas são indissociáveis. Para outros, porém, são diferentes e não podem andar em conjunto. Para Chaparro (2008), os conceitos de opinião e informação perderam a eficácia, após a evolução das classificações da produção jornalística. Após analisar textos jornalísticos no Brasil e em Portugal, o autor afirmou ter notado que “o Relato Jornalístico acolhe cada vez mais a elucidação opinativa, e que o Comentário da atualidade exige cada vez mais sustentação de informações de qualidade” (2008, p.160). Ainda conforme o autor, já não é possível explicar e entender a ação discursiva do jornalismo pela dicotomia entre a opinião e a informação, em razão do grau de interações do jornalismo no mundo atual.

Qualquer leitura de jornal ou revista de grande circulação deixa evidente que as fronteiras entre Opinião e Informação são destruídas pela inevitabilidade da valorização jornalística, por sua vez influenciada pela interferência interessada e legítima dos vários sujeitos do processo – tanto no Relato quanto no Comentário da atualidade (CHAPARRO, 2015, p. 160).

Marques de Melo (apud CHAPARRO, 2008), durante a caracterização do texto jornalístico, separou a produção informativa e a opinião. De acordo com o autor, os

gêneros são divididos em informativo ou opinativo. Nos textos de opinião, Marques de Melo (apud CHAPARRO, 2008) inclui, em sua classificação, critérios de angulagem e autoria, criando uma variedade argumentativa que exige detalhamento nas explicações. Deste modo, ele classifica da seguinte forma os textos que inclui no gênero opinativo:

O comentário, o Artigo e a Resenha pressupõem autoria definida e explicitada; o Editorial não tem autoria, por ser espaço da opinião da instituição jornalística. O Comentário e o Editorial estruturam-se segundo uma angulagem temporal que exige continuidade e imediatismo, o que não acontece com a Resenha e o Artigo. Estes dois últimos gêneros, para Melo, aproximam-se, também, pelo fato de serem classes de texto “cuja angulagem é determinada pelo critério de competência dos autores”. Em relação à coluna, à Crônica e à Carta, um traço comum é a identificação da autoria (CHAPARRO, 2008, p.158).

Apesar de Chaparro citar Marques de Melo em sua obra, ele não acredita que a divisão do jornalismo em opinião ou informação é a melhor maneira para a classificação dos gêneros. O autor afirma que, até mesmo a notícia considerada objetiva, construída com informações “puras”, “resulta de seleções e exclusões deliberadas, controladas pela competência opinativa do jornalista. E, no extremo oposto, é claramente inadequado usar o conceito de artigo como equivalente ao de opinião” (2008, p.162).

No “policimento” da opinião, que os crentes da objetividade fazem, é claramente identificável um viés moralista, como se a opinião, por si só, tornasse suspeita a informação. E a questão não é só moral nem ética, mas técnica: para o relato dos acontecimentos, a narração é mais eficaz. Ao relatar, narra-se uma história, com suas complicações e seus sucessos, mas os juízos de valor estão lá, explícitos, nas falas (escolhidas) dos personagens, às vezes até na agressividade dos títulos, e implícitos, nas intencionalidades preexistentes das estratégias autorais e nas intencionalidades adquiridas pelo próprio texto (2008, p. 163).

O jornalismo é classificado como um relato por Emery, Ault e Agee, conforme citado por Marques de Melo (1994, p.24-25):

O relato dos fatos como eles se apresentam no momento do registro, não um estudo definitivo de uma situação. [...] Historicamente, o jornalismo tem sido identificado pela sociedade como responsável por duas funções: relatar as notícias e oferecer interpretação e opinião baseada nas notícias.

Em meio ao impasse entre os estudiosos, é inevitável perceber que a opinião está presente no texto jornalístico, seja na estruturação ou na apuração das informações.

O formato coluna

Um dos gêneros adotados pelo jornalismo é a coluna, conforme análise de grande parte dos estudiosos das produções jornalísticas. Em alguns dos estudos referentes ao texto jornalístico, a coluna e outros formatos sequer chegam a ser citados ou possuem diferentes definições. Em Marques de Melo (apud BONINI, 2003), ela aparece como um espaço físico para a publicação de certos textos, não como um gênero. Para Miguez (2014, p. 45), na procura pelo público, os colunistas buscam adaptar seus espaços informativos às preferências de seus públicos, diferenciando-se, modernizando-se e diversificando-se para não perder e ainda conquistar novos leitores. Os colunistas se tornaram uma “marca registrada”, passaram a ter suas seções valorizadas e começaram a ocupar páginas nobres dos jornais.

No Brasil o gênero é introduzido no início do século XX, na coluna “A Tribuna”, de João do Rio⁸, no formato de crônica social. Na coluna, eram abordadas questões cotidianas de seu tempo, como descreve Silva (2010, p.34):

Registrava as pessoas que eram respeitadas e admiradas por sua classe social, por suas realizações e influências. João do Rio é o responsável pela observação direta nas ruas, valendo-se da entrevista e do inquérito, e se tornou um dos mais populares jornalistas da cidade.

Há diversas análises que tratam sobre os gêneros jornalísticos nos quais podem ser caracterizados o colunismo. A partir da definição de Aurélio Buarque de Holanda (1999, p.584), estas seções podem ser classificadas como crônicas, pois estas são como produções textuais livres e “seções ou colunas de revista ou jornal consagrada a um assunto especializado”. Ao analisar o aspecto literário da crônica, no entanto, Travancas (2001, p.3) afirma que não é possível associá-la ao colunismo, pois, como define o dicionário Aurélio, a crônica é um “pequeno conto de enredo indeterminado”.

⁸Além de João do Rio, Paulo Barreto usou vários pseudônimos. Destacam-se Claude, Caran d’Ache, Joe, José Antônio José. Jornalista, cronista, contista e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 5 de agosto de 1881, e faleceu na mesma cidade em 23 de junho de 1921.

Para Marques de Melo (1994, p. 135), a coluna é caracterizada como uma seção fixa que abrange o comentário, a crônica e a resenha. Historicamente, ele explica que, no impresso, ela originou-se dentro da diagramação vertical, em que as matérias eram feitas de cima para baixo, passando, se necessário, à coluna vizinha. A diagramação horizontal, porém, modificou o modo da impressão e a coluna pôde se alargar pelo espaço fronteiro. Em razão disso, muitas passaram a ser chamadas também de seção.

Conforme Rabaça e Barbosa (1978, p.102), a coluna é composta de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas. As colunas mantêm um título ou cabeçalho constante, e são diagramadas geralmente numa posição fixa e sempre na mesma página, o que facilita a sua localização imediata pelos leitores. A coluna possui, entre suas características, o ineditismo dos fatos. Nela são expressas opiniões ou adiantados fatos que, posteriormente, serão notícia em outros setores do jornal.

Para Marques de Melo (1994, p. 138), este gênero surgiu para atender a uma demanda do público que queria matérias que fugissem do anonimato redatorial. Para isso, foram chamados jornalistas conhecidos, que passaram a assinar colunas, possuindo como característica a superação da frieza e impessoalidade. A princípio, as matérias ou notas, tradicionalmente, não ultrapassavam mil palavras. Ao longo do tempo, as medidas foram reduzindo e chegaram, em algumas seções, até a 500 palavras. Marques de Melo avalia que as colunas seguem quatro tipos: a padrão, que é dedicada aos assuntos editoriais de menor importância; a miscelânea, que combina prosa e verso e mistura tipos de letras, ela não se prende a nenhum assunto, por isso é variada em seus temas; a de mexericos, que é focada em pessoas da alta sociedade ou celebridades; e a dos bastidores da política, que mostra a intimidade do poder.

Conforme Marques de Melo (1994, p. 139), o caráter da coluna é, aparentemente, informativo, pois registra o que está acontecendo na sociedade. Na prática, porém, a seção emite juízo de valor em seus textos. A seleção dos fatos e personagens a merecerem registro revela o seu caráter opinativo.

Trata-se portanto de um mosaico, estruturado por unidades curtíssimas de informação e de opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência. Na verdade, a coluna cumpre hoje uma função que foi peculiar ao jornalismo impresso antes do aparecimento do rádio e da televisão: o furo. Procura trazer fatos, ideias e julgamentos em primeira mão, antecipando-se à sua apropriação pelas outras seções

dos jornais, quando não funciona como fonte de informação. A coluna tem como espaço privilegiado os bastidores da notícia, descobrindo fatos que estão por acontecer, pinçando opiniões que ainda não se expressaram, ou exercendo um trabalho sutil de orientação da opinião pública (MELO, 1994, p.137).

Marques de Melo (1994, p. 143) relata que os tipos de colunas mais comuns na imprensa brasileira são: social, política, econômica, policial, esportiva, de livros, de cinema, de televisão, de música etc. A coluna tem na sua identidade um hibridismo que advém da convivência com os gêneros mais próximos. Inserida geralmente na parte que os jornais destinam aos eventos culturais, a coluna social habita este espaço sob o signo da ambiguidade. De um lado é um gênero literário como a crônica e, do outro, como noticiário, vive da dispersão dos acontecimentos.

A característica do jornalismo brasileiro de possuir diversas colunas assemelha-se ao modelo americano, tradição no gênero, que reúne várias colunas em publicações. Chaparro (2015, p.215) afirma que há dois tipos de colunas no Brasil:

Existem no Brasil, claro, colunistas de qualidade, que enriquecem o jornalismo. São profissionais qualificados, respeitáveis, com canais próprios de acesso às melhores fontes e com reconhecida capacidade de análise, que influenciam e orientam a opinião pública. Mas existe, também, o colunismo oportunista, comercial, sobrevivendo nos leitões da intriga, da futilidade, das vaidades do personalismo, das emoções e dos modismos.

O autor cita, como exemplos de pioneiros do colunismo brasileiro que podem ser considerados referências, o jornalista Luis Nassif e o já falecido Joelmir Beting.

A coluna social

Entre as especificações dos gêneros do jornalismo estão as colunas sociais, que, para Rabaça e Barbosa (1987, p.143), são definidas como seções especializadas de jornal ou revista. Elas são publicadas com regularidade e possuem estilo mais livre em seus textos, diferente do noticiário tradicional. Os autores pontuam que o gênero é composto por notas, a partir de fatos e acontecimentos da atualidade (ERBOLATO *apud* FERREIRA, 2006, p. 38):

Como cobertura de rotina há os acontecimentos referentes aos órgãos assistenciais, bailes, reuniões, festas, clubes de serviço [...]. Seria recomendável que somente tivessem valor jornalístico as

pessoas que realmente possuíssem merecimento, por suas qualidades ou iniciativas, evitando-se, assim, o surgimento constante nas colunas, como prodígios e revelações, de indivíduos sem muito valor, mas que se dão ao trabalho de incensar o jornalista.

As primeiras referências sobre a vida social no Brasil surgiram no primeiro jornal produzido no país, Gazeta do Rio de Janeiro, criado em 1808. Anos mais tarde, surgiu a coluna social brasileira, que foi uma espécie de adaptação. Nela, se misturou o estilo norte-americano. Para atingir a massa, Rabaça e Barbosa (1987, p. 418) destacam que o colunismo se apoia no consumo cultural de massa. Os colunistas adotam conceitos comuns de notícia e usam critérios próprios para as publicações das notas.

Ainda de acordo com Rabaça e Barbosa (1987, p.417), a informação utilizada pelos colunistas é conceituada como nota: “pequena notícia destinada à informação rápida e caracterizada por sua extrema brevidade e concisão”. Conforme Miguez (2014, p. 45), a fidelização do leitor está entre as funções exercidas pelos colunistas, que buscam identificação do público para que consiga mantê-lo. A localização das colunas nos meios impressos, com espaços fixos, também colabora para manter pessoas que constantemente acompanham os textos.

Percebemos que, desde o seu surgimento, a coluna social traz uma proposta de se diferenciar do restante do jornal, tanto na linguagem como na objetividade. Ela possui uma maior proximidade com o leitor, por meio de relatos e comentários das atividades cotidianas de seus personagens em diversos espaços da cidade. Ela é construída através de uma comunicação sintética, sem aprofundar os acontecimentos relatados. Os assuntos explorados possuem variados temas. Silva (2010, p.37) classifica o gênero jornalístico ao qual a coluna social pertence como jornalismo informativo e opinativo.

O colunista expõe seu pensamento, faz interpretações, emite opiniões, sentimentos e atitudes. Diferentemente das demais partes do jornal, a coluna parece especialmente endereçada para o leitor. Por isso se identifica nela um estilo alimentado pela fala, pelo diálogo, pela conversa, onde aquele que lê é muito mais que um leitor: é um ouvinte.

A coluna social faz o uso frequente de imagem em seu conteúdo reforça o simbolismo que ela exerce sobre as pessoas ali representadas e corrobora o tom de

informalidade, quebrando a distância com o leitor e trazendo uma fluidez em um tom de conversa, como se houvesse uma relação de intimidade entre os dois lados. A coluna social passou a conquistar significação própria, se consolidando e se fortalecendo com o tempo. Ao longo dos anos, o colunismo social sofreu mudanças em relação ao consumo da notícia. Apesar das alterações, o público sempre se manteve como o destaque do gênero, seja ele a notícia ou o consumidor dela. Miguez (2014, p. 49) detalha que o colunismo social deu lugar ao colunismo de notas, porém sem perder seu espaço.

Um item que evidencia a importância do colunismo social é o reconhecimento por parte do então Deputado Estadual Edson Ferrarini e do então governador de São Paulo, Luiz Antonio Fleury Filho. Eles promulgaram a Lei nº 7937, de autoria, em 3 de julho de 1992, instituindo o dia 8 de dezembro como o Dia do Colunista Social. Entre os destaques do colunismo, que trouxeram grande visibilidade para o gênero em todo o País, está Ibrahim Sued, que durante 45 anos realizou publicações na imprensa carioca.

Os textos de Sued traziam formas utilizadas até hoje no colunismo social: notas curtas e diretas, mesclando informações sobre a vida mundana com notícias sobre política e economia ou eventos internacionais. Para Marques de Melo (1994, p. 136), o texto de Sued deve ser entendido como coluna, pois, entre outros itens, costumava trazer notícias em primeira mão. Ele define esta seção do jornal como:

Um mosaico, estruturado por unidades curtíssimas de informação e opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência. Na verdade, a coluna cumpre hoje uma função que foi peculiar ao jornalismo impresso antes do aparecimento do rádio e da televisão: o furo. Procura trazer fatos, idéias e julgamentos em primeira mão, antecipando-se à sua apropriação pelas outras seções dos jornais, quando não funciona como fonte de informação.

O colunismo social também está presente na televisão. No entanto, Aronchi (2015) classifica o colunismo televisivo na categoria de entretenimento. O autor afirma que falta credibilidade para incluir a produção nos produtos jornalísticos de televisão. “O colunismo social tem uma trajetória na televisão que tenta seguir o jornalismo, mas não encontra fôlego para gerar credibilidade. Por isso, apresenta um misto de talk show, propaganda institucional e telecompra” (2015, p.98). O autor faz tal afirmação com base no modo como os programas são conduzidos e montados.

A edição das gravações é fator que diferencia o colunismo social do telejornalismo. Desde que os cortes não interfiram no negócio fechado com o contratante, o apresentador edita e monta o programa preocupando-se em tirar situações que embaracem o entrevistado e deixar os trechos que enalteçam o figurão, a instituição ou o produto que gerou a cobertura. Esse tipo de edição comprometida com o entrevistado é o que separa o colunismo de um programa informativo. No informativo, o repórter ou o apresentador pode questionar, debater ou até discordar do entrevistado em nome da informação. No colunismo social, isso é inadmissível; o apresentador tem compromisso financeiro firmado com o entrevistado, a curto ou médio prazo, por isso deve respeitar os limites entre a entrevista polêmica e a descompromissada com a verdade, para não ferir os interesses do patrocinador, que paga para aparecer bem (ARONCHI, 2015, p. 99).

Os colunistas sociais televisivos, conforme Aronchi (2015), possuem equipe de produção para preparar os textos para o apresentador, após uma pesquisa sobre os assuntos e as pessoas que são enfocados na abertura. O objetivo é evitar gafes ou que o apresentador não esteja inteirado sobre o assunto que o entrevistado esteja falando.

Após o levantamento dos dados, a equipe de produção faz uma prévia com os entrevistados menos conhecidos, porém importantes para o programa, e fornece as informações ao apresentador, para que ele esteja completamente informado antes da entrevista (ARONCHI, 2015, p.100).

Em relação aos gêneros online, Kurtz e Klein excluem a análise da coluna no jornalismo online, por acreditarem que ela não está presente nos blogs analisados. "Porém, julgamos que o colunismo social, mais que um gênero, também é um assunto que pode ser englobado pelo gênero comentário do jornalista" (KURTZ; KLEIN, 2009, p.9).

Considerações finais

O colunismo social possui papel importante na sociedade, pois contribui para a evolução da comunicação. Apesar de alguns autores não classificá-lo como algo pertencente ao jornalismo, pode ser por meio dele que surjam as grandes reportagens, como aconteceu em diversos casos em que uma nota motivou um repórter a se aprofundar no assunto. Relegar as colunas sociais a puro entretenimento é inadequado. Por trás das adjetivações e dos elogios dos textos, há também conteúdo que pode ser considerado informação. O trabalho de um colunista social requer dedicação e conhecimento sobre o assunto a ser tratado durante a cobertura de determinado evento.

Por meio desta pesquisa, pudemos perceber que o colunista possui também uma função com a sociedade, ao retratar o cotidiano daqueles que estão em lugares considerados privilegiados. Tais informações despertam o interesse do público, por isso é comum que as colunas sociais sejam uma das partes mais lidas nos impressos ou em sites. Ao retratar a vida da alta sociedade, o colunista está colaborando, em grande parte dos casos, para o entretenimento. As personalidades destacadas nas páginas sociais, sejam políticos, empresários, artistas, entre outros cargos, se utilizam da oportunidade para serem vistas. É uma forma de egocentrismo, um modo para tornarem-se ainda mais conhecidas e admiradas por aqueles que não possuem o mesmo padrão de vida.

Para que os textos entrem no gosto popular, é importante destacar o modo da escrita dos colunistas. Apesar de o formato ter sido inspirado no modelo norte-americano, o modo brasileiro trouxe características próprias aos textos. A forma mais leve e descontraída, algumas vezes voltadas para o humor, auxilia no sucesso das colunas no país, pois traz sutileza ao assunto e faz com que as pessoas sintam-se mais atraídas a acompanharem as notas sociais. As imagens, por meio de diversas fotografias de eventos, e a diagramação também funcionam como atrativos para o público.

É fundamental compreendermos a importância que o colunismo possui diante da sociedade. Textos considerados “fúteis” podem servir para inspirar as pessoas ou grandes reportagens. Não é coerente relegarmos as colunas sociais a algo sem relevância, pois mesmo que algumas de suas notas tenham características de puro entretenimento, elas também possuem seus leitores e é importante respeitarmos o trabalho desenvolvido pelos colunistas e a relevância que eles podem possuir para determinada região.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Carlos Alberto RABACA e Gustavo (orgs). **Dicionário de Comunicação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005, p. 19-46.

BONINI, Adair. **O conceito de gênero textual/discursivo: teorias versus fenômeno**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

CHAPARRO, Manoel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**. São Paulo. Summus Editorial, 2008.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE COLUNISTAS SOCIAIS. **Histórico**. Disponível em <<http://www.febracos.com/>>: Acessado em: 30 de março de 2016.

KURTZ, João Vicente; KLEIN, Otávio José. **Gêneros Jornalísticos na Internet – Uma Proposta para Blogs**. 2009. Universidade de Passo Fundo. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-1307-1.pdf>> Acessado em 15 de agosto de 2016.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 135-145.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

SILVA, Paula Francinetida. **A coluna social como gênero de fofoca**. 2010. 166 f., il. Tese (Doutorado em Literatura)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9168/1/2010_PaulaFrancinetidaSilva.pdf> Acessado em 18 de agosto de 2016

SILVA, Pollyana H. **Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia**. 2007. 179f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituição de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2007. Disponível em: <http://www.bdtd.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2062> Acessado em 20 de agosto de 2016

SILVA, Rafael Souza. Caricatura. In: MELO, José Marques de. **Gêneros Jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo: FDT. 1992.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

TRAVANCAS, Isabel. **A coluna de Ibrahim Sued - um gênero jornalístico**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. XXIII Congresso da Intercom, 2000.